

A ficção científica americana de 1926 a 1945

Andreya S. Seiffert⁵

Resumo: Este trabalho discute o início da ficção científica americana e sua ligação com as revistas *pulps*. Busca mostrar como o gênero foi em grande medida moldado por esse formato entre as décadas de 1920 a 1940 e como os leitores contribuíram nessa construção. Discute a ligação da ficção científica com a ciência e como uma noção americana de ciência foi incorporada nessas narrativas. Aborda, ainda, as “fórmulas” usadas nas histórias, com destaque para as “edisonades”, que representavam o inventor/engenheiro como o herói.

Palavras-chave: ficção científica; pulps; mercado editorial.

Em 1896, a revista americana *Argosy*, em circulação desde a década anterior, passou a ser impressa em polpa de celulose, ou *pulp* em inglês. Além disso, passou a trazer apenas ficção em suas páginas. Na primeira década do século XX, a *Argosy* vendia cerca de meio milhão de exemplares por edição. O sucesso de vendas fez com que outras revistas no mesmo estilo fossem criadas, movimentando o mercado editorial e dando início à chamada era das *pulps*.

O auge das revistas *pulps* ocorreu nas décadas de 1920 e 1930. Nesse período, cerca de 30 a 40% da população letrada americana lia *pulps* (CHENG, 2013). Em 1915, foi lançada a *Detective Story Monthly*, que publicava exclusivamente histórias policiais. A partir de então, as revistas foram se especializando em um tipo de história: romance, faroeste, terror... (GUNN, 2003). Neste artigo, pretendo discutir as revistas *pulps* de ficção científica e como a ligação com esse formato moldou o gênero.

5 Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social na Universidade de São Paulo (USP), pesquisa “O amanhã do ontem: The Futurians e a ficção científica americana na década de 1940”, financiada pela FAPESP, processo 2015/17754-3, contato: bucaseiffert@gmail.com

***Amazing Stories*: a pioneira**

A primeira revista *pulp* dedicada à ficção científica foi lançada em 1926 com o nome de *Amazing Stories*. Seu criador e editor, Hugo Gernsback, já havia tido outras revistas antes, dedicadas a discutir eletrônicos, sobretudo o rádio. Nelas, ele se aventurou a escrever algumas histórias de ficção que discutiam o impacto da tecnologia na sociedade. Ele decidiu, então, criar uma revista específica para esse estilo narrativo, que ele chamou de “scientifiction”, contração de *scientific fiction*:

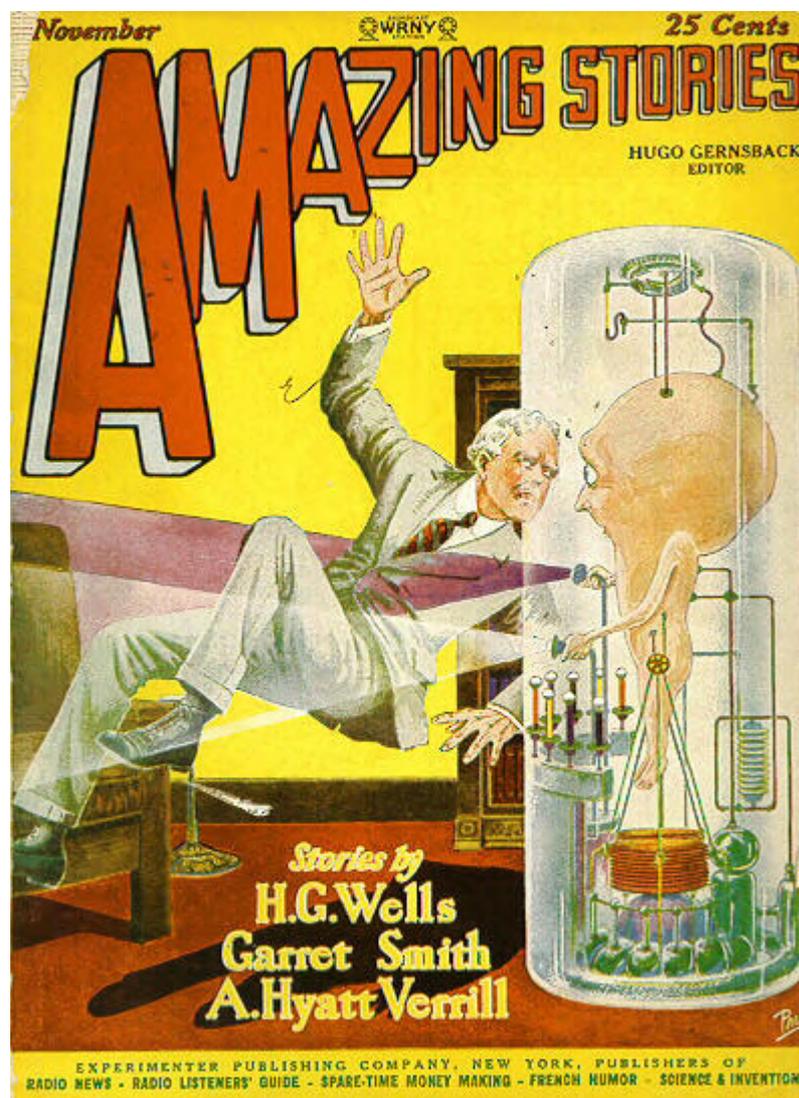
By “scientifiction” I mean the Jules Verne, H. G. Wells and Edgar Allan Poe type of story—a charming romance intermingled with scientific fact and prophetic vision... Not only do these amazing tales make tremendously interesting reading—they are always instructive. They supply knowledge... in a very palatable form(...). New adventures pictured for us in the scientifiction of today are not at all impossible of realization tomorrow (...). Many great science stories destined to be of historical interest are still to be written (...). Posterity will point to them as having blazed a new trail, not only in literature and fiction, but progress as well (GERNSBACK, 1929, p. 03)⁶.

Gernsback via a “scientifiction” não “apenas” como literatura, mas um meio de educar os leitores. A ideia de “scientifiction” nascia, portanto, ligada à ciência. Além de Gernsback, “Dr. T. O’Conor Sloane, M.A., P.h.D.” aparece como editor da revista, mais um esforço para dar ares científicos à publicação.

As capas das revistas eram bastante chamativas, e ajudaram a destacar a *Amazing Stories* entre as dezenas de títulos disponíveis nas prateleiras:

6 Por 'scientifiction' eu quero dizer o tipo de história de Jules Verne, H. G. Wells e Edgar Allan Poe - um romance encantador misturado com o fato científico e visão profética... Não só estes contos incríveis são uma leitura tremendamente interessante - eles são sempre instrutivos. Eles fornecem conhecimento... de uma forma muito agradável(...). Novas aventuras retratadas para nós na 'scientifiction' de hoje não são de todo impossíveis de realização amanhã (...). Muitas grandes histórias científicas destinadas a ser de interesse histórico ainda devem ser escritas (...). A posteridade apontará para elas como tendo aberto uma nova trilha, não somente na literatura e na ficção, mas no progresso também (Nota: essa e as demais traduções do texto foram elaboradas pela autora).

Figura 01: capa da revista *Amazing Stories* de novembro de 1927



Fonte: The Internet Speculative Fiction Database (ISFDB)

O artista responsável por elas era Frank R. Paul, que já havia feito algumas ilustrações para Gernsback em suas revistas anteriores. Ele ajudou a formar o imaginário dos leitores a respeito de diversos assuntos: “He [Frank R. Paul] and his successors translated writers’ words into images – spaceships, domed cities, goggle-eyed creatures – that are still being used to represent the future in advertisements, movies and television shows” (ATTEBERY, 2003, p. 36)⁷.

⁷ Ele [Frank R. Paul] e seus sucessores traduziram as palavras dos escritores em imagens - naves espaciais, cidades com cúpulas, criaturas espantosas - que ainda estão sendo usadas para

Em seus primeiros números, a *Amazing Stories* publicou sobretudo textos antigos, de escritores como H. G. Wells e Júlio Verne. Com o sucesso de vendas - em poucos meses, a *Amazing* já tinha uma circulação de mais de 100.000 exemplares (ASHLEY, 2000) - escritores de outras *pulps* passaram a adaptar textos e fórmulas para o novo gênero em desenvolvimento (ATTEBERY, 2003).

A *Amazing Stories* contava com uma seção de cartas dos leitores, em que eles apontavam o que gostavam (ou não) em cada história e que temas gostariam de ver nas próximas edições. Assim, a participação dos leitores foi fundamental na construção da ficção científica americana.

Além de colaborar na elaboração dos textos, a seção de cartas na *Amazing* foi responsável por um outro fenômeno: a criação do *fandom* da ficção científica. O termo é composto pelas palavras -fan mais o sufixo -dom, de *kingdom* (reino) e designa um grupo de fãs com interesse em comum por um assunto. Muitos leitores da *Amazing* queriam um envolvimento ainda maior e montaram clubes destinados a discutir ficção científica. Além disso, acreditavam, assim como Gernsback, que o gênero poderia ser um caminho para novas descobertas científicas e tecnológicas.

Alguns desses clubes chegaram inclusive a conduzir experimentos próprios: é o caso do *American Interplanetary Society*, fundado em 1930 por um grupo de escritores de ficção científica e entusiastas do gênero. O objetivo do grupo era descobrir meios de chegar a outros planetas. Eles conseguiram, em 1933, lançar um foguete que atingiu pouco mais de setenta metros de altitude antes de explodir no ar. Na Alemanha, existiam grupos similares de foguetismo: o jovem Wernher von Braun era membro de um deles e posteriormente trabalhou para o governo nazista no desenvolvimento do foguete V-2 e no Saturno V do governo americano.

Novas *pulps* de ficção científica e a edisonade

A primeira concorrente da *Amazing* foi criada pelo próprio Gernsback. Devido a problemas financeiros, ele foi obrigado a abrir mão da revista em 1929, e lançou três novos títulos, logo fundidos em um só: *Wonder Stories*. Além dela, foi lançada, representar o futuro em anúncios, filmes e programas de televisão.

em 1930, a *Astounding Stories of Super-Science* (rebatizada de *Astounding Stories* no ano seguinte). As novas revistas também contavam com a seção de cartas dos leitores, o que permitiu que o gênero continuasse a ser pensado em conjunto na década de 1930.

Quando começou a ser escrita para as revistas *pulps*, a ficção científica passou a trazer um ideal americano de ciência. A “ciência” das histórias de ficção científica ligava-se muito mais à tecnologia, isso porque nos Estados Unidos, de acordo com Roger Luckhurst (2005), a teoria e a prática não eram tão rivais quanto na Europa. Assim, ciência e tecnologia andavam juntas nos Estados Unidos, e a ficção científica passou a privilegiar sobretudo a parte prática.

A imagem que se criou e que foi amplamente utilizada na ficção científica dos profissionais está relacionada com esse modelo de ciência. Ainda que algumas vezes as histórias retratassem cientistas em seus laboratórios, a representação mais comum era a de inventores jovens e autônomos. John Clute, em 1993, cunhou o termo “edisonade” para descrever:

any story dating from the late nineteenth century onward and featuring a young US male inventor hero who ingeniously extricates himself from tight spots and who, by so doing, saves himself from defeat and corruption, and his friends and nation from foreign oppressors (CLUTE, 2018, s/p)⁸.

A “edisonade” vem de antes mesmo das histórias de ficção científica das revistas *pulps*. Segundo o professor e pesquisador Brooks Landon (2003), nos “dime novels” do século XIX essa figura do jovem inventor aparecia com frequência. Figuras como a de Thomas Edison alimentavam esse ideal e a ficção científica passou a trazer essa noção ao mesmo tempo que a reforçava. Assim, o inventor/engenheiro passou a ocupar a posição de herói das histórias. Essa “fórmula” foi usada à exaustão nas *pulps* americanas de ficção científica entre 1926 e 1945.

Diversos escritores das *pulps* preferiam não arriscar muito, e usavam a fórmula já consagrada:

⁸ qualquer história que date do final do século XIX em diante e apresente um herói-inventor-masculino-jovem-americano que engenhosamente se livra de situações apertadas e que, ao fazê-lo, se salva da derrota e da corrupção, e seus amigos e nação de opressores estrangeiros.

Less talented or less daring writers wrote endless variations on the tale of the young scientist who saves the world and wins his mentor's approval with a daring new invention. Marriage to the elder scientist's daughter often reinforced the fairy-tale nature of these stories. Using this basic plot structure, the writer could introduce variations regarding the nature of the threat (aliens, rival scientists, natural disasters) and the invention (a time machine, a device to accelerate evolution, a death ray). The tone could be sombre, rapturous or comic. The ending, though, was nearly always happy, a vindication of the young hero's character and the reader's beliefs (ATTEBERY, 2003, p. 36)⁹.

Como destacado por Brian Attebery, as histórias do período geralmente tinham finais felizes. Ainda que vez ou outra houvessem histórias que diferissem do tom, os leitores das *pulps* queriam ler sobre como o futuro seria positivo e como isso seria possível, em grande medida, pelo avanço da ciência.

Auge e declínio das *pulps* de ficção científica

No final da década de 1930 e início de 1940, houve um *boom* no mercado editorial de *pulps* de ficção científica e diversos títulos novos foram criados. O auge ocorreu em 1941, quando era possível encontrar vinte e dois títulos diferentes dedicados ao gênero (ASHLEY, 2000).

Toda essa oferta fez com que o gênero se diversificasse, e novos temas e estruturas passaram a ser testados nas páginas das revistas *pulps*:

the magazines had allowed the development of surprising new themes, forms and techniques – nearly anything could be accommodated as part of a reliable mix. The relatively small scale of the magazine market also fostered artistic independence. A magazine was like the small independent film as opposed to the

⁹ Escritores menos talentosos ou menos ousados escreveram inúmeras variações sobre a história do jovem cientista que salva o mundo e conquista a aprovação de seu mentor com uma nova e ousada invenção. O casamento com a filha do cientista mais velho muitas vezes reforçava a natureza dos contos de fadas dessas histórias. Usando essa estrutura básica da trama, o escritor poderia introduzir variações em relação à natureza da ameaça (alienígenas, cientistas rivais, desastres naturais) e à invenção (uma máquina do tempo, um dispositivo para acelerar a evolução, um raio da morte). O tom poderia ser sombrio, arrebatador ou cômico. O final, no entanto, quase sempre era feliz, uma justificação do caráter do jovem herói e das crenças do leitor.

Hollywood blockbuster, which has to meet the expectations of the broadest possible audience (ATTEBERY, 2003, p. 46)¹⁰.

As novas revistas mantiveram a tradição iniciada por Gernsback de publicar as cartas dos leitores. Assim, eles continuaram participando da construção da ficção científica, opinando sobre que experimentos eles gostaram (ou não), que temas poderiam ser trabalhados e quais já estavam saturados.

Ainda em 1941, no entanto, os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial. Isso levou a uma série de racionamentos que pegaram em cheio as revistas *pulps*, como papel, tinta e tipos móveis de metal. Além disso, ficava cada vez mais difícil conseguir material para publicar, já que vários autores foram chamados para servir nas forças armadas. O número de revistas caiu drasticamente: “Most of the magazines survived 1942 and a few survived 1943, but few made it right through the war. By 1945 there were only 7 magazines compared with the peak of 22 in 1941” (ASHLEY, 2000, p. 164)¹¹.

Após a guerra, as revistas *pulps* ainda continuaram em circulação, mas aos poucos foram perdendo espaço para os livros de bolso, chamados *paperbacks*. A ficção científica, assim como outros gêneros, migrou para esse novo formato. Isso fez com que o gênero passasse por transformações significativas, sendo talvez a principal o afastamento com os leitores, que marcou sua primeira fase.

10 as revistas permitiram o desenvolvimento de surpreendentes novos temas, formas e técnicas - quase tudo poderia ser acomodado como parte de um mix confiável. A escala relativamente pequena do mercado de revistas também estimulou a independência artística. Uma revista era como um pequeno filme independente em oposição ao blockbuster de Hollywood, que tem que atender às expectativas do público mais amplo possível.

11 A maioria das revistas sobreviveu a 1942 e algumas sobreviveram a 1943, mas poucas conseguiram sobreviver à guerra. Em 1945 havia apenas 7 revistas em comparação com o pico de 22 em 1941.

Referências

ASHLEY, Mike. **The Time Machines**: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the Beginning to 1950. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.

ATTEBERY, Brian. The magazine era: 1926-1960. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (org.). **The Cambridge companion to science fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CLUTE, John. Edisonade. The Encyclopedia of Science Fiction. Disponível em: <<http://www.sf-encyclopedia.com/entry/edisonade>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

CHENG, John. **Astounding Wonder**: Imagining science and science fiction in interwar America. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2013.

GUNN, James. Foreword. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (org.). **The Cambridge companion to science fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LUCKHURST, Roger. **Science Fiction**. Malden: Polity Press 2005.